

RESUMO

Numa entrevista de 1997, ao ser perguntado sobre o seu ceticismo quanto à existência de uma literatura latino-americana, o escritor Juan José Saer postulou que, para ele, a literatura latino-americana enquanto conceito é apenas uma categoria histórica ou sequer isso. Apesar do seu tom taxativo ao rechaçar tais categorias nos parece que as mesmas jogaram, e talvez ainda joguem, um papel incontornável na construção literária em nosso tempo. Com efeito, se nos atentamos a obra do autor conseguimos ver que não somente Saer se preocupou com a “argentinidade” de seus relatos como de fato investigou a fundo a História argentina para tirar dela um entendimento do que é ser senão argentino ao menos um habitante de sua *zona*. Desta feita, nos debruçamos sobre o “romance histórico” *El Entenado* (2013) na qual Saer se volta para um momento chave da História argentina, isto é, o descobrimento do pampa pelos espanhóis e conseqüentemente para os primeiros contatos entre europeus e nativos, no intuito de compreender o capital aspecto, na sua visão, da identidade argentina, o delírio.

Palavras-chave: Juan José Saer, Delírio, Tradição literária, Literatura argentina.

I

Quando em uma conferência na PUC-SP, no longínquo ano de 1997, o escritor argentino Juan José Saer foi perguntado sobre o seu ceticismo quanto à existência de uma literatura latino-americana, como havia demonstrado numa entrevista ao jornal *Clarín*, ainda que fizera a ponderação de que a afirmação se dava após ser indagado insistentemente pelos jornalistas sobre sua recorrente crítica ao mercado literário, a resposta de Saer, durante aquela tertúlia na PUC, acabou por tomar uma direção reiterativa: “Para mim a literatura latino-americana é apenas uma categoria histórica, ou sequer histórica, talvez uma categoria geográfica, não sei como chamá-la, mas não é uma categoria estética. Para mim não há nacionalidades de romancistas; para mim há escritores e ponto” (SAER, 2005, p. 158).

Há de se contextualizar o taxativo tom de Saer, afinal, a sua obra, contemporânea ao *boom* latino-americano, acabou por vir na contramão do que se fazia no *mainstream* de então: enquanto a literatura fantástica e o realismo mágico, que atingiu o mercado internacional, deixou tanto louros como rótulos para a literatura latino-americana naquele momento possibilitando, por exemplo, o auge do prestígio comercial e intelectual a Garcia Márquez ou Vargas Llosa com o prêmio Nobel, Saer, que nem mesmo teve agente literário em vida, exatamente por se propor a um projeto literário distinto do que se entendia como



“literatura latino-americana” na segunda metade do século XX, acabou por ter sua publicação bastante restrita.

Com efeito, em seu necrológio para o escritor argentino, Beatriz Sarlo irá retomar - no derradeiro ano de 2005 - esta postura de Saer a fim de colocar em evidência a problemática reducionista quando o próprio autor passou a ser tomado pela sua nacionalidade:

A insistência com que lhe reconhecem um lugar dentro da literatura argentina impede ver o lugar que ele ocupa na literatura ocidental — na companhia de Thomas Bernhard e de W.G. Sebald, por exemplo. Saer, que desprezava o mercado e recebeu o reconhecimento tardio como uma espécie de presente inesperado, irritava-se quando o julgavam somente em relação àqueles que escreviam na região do Prata ou na América Latina (SARLO, 2005, p. 151).

Não obstante, com todo respeito a enorme crítica que é Sarlo assim como o intelectual que foi Saer, mesmo que assumimos estas categorias “argentina” ou “latino-americana” como puramente geográficas, estas seguem - quase inconscientemente - como marcadores inevitáveis do pensar literário na Modernidade¹. Uma amostra desse fenômeno nos dá o próprio Saer na sequência da entrevista quando, ao ser pedido pelo entrevistador que abordasse a *genealogia* literária argentina, o pegamos elencando, sem qualquer coerção, o seu cânone “argentino” e “latino-americano”: “Para mim, os escritores que produziram obras fundamentais para a literatura argentina foram (...) [após listar algumas obras] Esse seria meu cânone argentino, por assim dizer. Quanto ao cânone latino-americano, entre os mexicanos ...” (SAER, 2005, p. 166).

Para além da simples retórica, se nos atentamos a obra do escritor auto exilado na França - onde passou grande parte de sua vida assim como produziu a maior e melhor parte de sua literatura - conseguimos ver que não somente Saer se preocupou com a “argentinidade” de seus relatos como de fato investigou a fundo a História argentina para tirar dela um entendimento do que é ser senão argentino ao menos um habitante de sua *zona*.

Neste sentido, nos debruçamos sobre o romance histórico *El Entenado* (2013) que conjuntamente com *A Ocasão* (2005) e *Las nubes* (1997) formam a trilogia na qual Juan José Saer reinterpreta momentos chave da História argentina no intuito de compreender um capital aspecto dessa identidade nacional, o delírio.

Por certo, a loucura tem aparecido como um ponto recorrente nos estudos recentes da obra de Saer seja num sentido geral de seu *oeuvre*, como o fez Joaquín Manzi em seu texto “Discurso de la locura y locura del discurso en la obra de Juan José Saer” (2000) - no qual o pesquisador se

¹ O conceito de Modernidade aqui tomado pode ser entendido em seu sentido restrito, quer dizer, se o Estado moderno, inerente à Modernidade, segue como sistema político, social e cultural vigente, então é inegável que o conceito de nacionalidade siga atuante no modo como compreendemos a literatura.



pergunta se “además de ser el negativo y un cierto paliativo de la locura, la escritura saeriana no es también, y a pesar de todo, uno de sus pliegues inesperados, otro avatar de una vieja locura novelesca” (MANZI, 2000, p. 555) - seja sobre os livros em que a temática da loucura se mostra mais contundente - como, por exemplo, fez Eunice Rojas ao dedicar dois dos setes capítulos que compõem o seu trabalho *Space of Madness: Insane Asylum in Argentine Narrative* (2014) para analisar respectivamente *La pesquisa* (2012) e *Las nubes* (2006). Não obstante, ainda que neste trabalho perpassaremos pelas características patológicas e psiquiátricas da loucura, o delírio será aqui compreendido como uma tradição (ou representação) literária que Saer parece desenvolver em seus romances desde a acepção etimológica da palavra, isto é, em “sus orígenes latinos el verbo delirar significa *salirse del surco o de la huella*” (SAER, 2006, p. 1). Para Saer, como nos diz em seu texto “Tradición y cambio en el Río de la Plata” (1999), “Toda obra auténtica de nuestra cultura tiende a la integración de elementos heterogéneos como consecuencia de nuestra particular sedimentación histórica y se constituye, mediante la dosificación variable pero sistemática, de un aporte local y de un aporte universal” (SAER, 1999, p. 104), quer dizer, delirar significa se posicionar na cultura Ocidental desde uma perspectiva periférica, fora “*del surco o de la huella*”. Nesse sentido, cada crucial momento histórico em que se situam os seus três livros *El entenado*, *A Ocasión* e *Las nubes*, (respectivamente, o descobrimento, a imigração europeia e as guerras de independência) podem ser lidos como decisivos para esta formação cultural e literária delirante:

A esa disponibilidad ante lo extranjero no es probablemente ajena la composición misma de nuestra sociedad, sometida a transformaciones sucesivas. Sin contar el primer choque que supuso el encuentro de las poblaciones indígenas con los conquistadores europeos [*El entenado*] (...), es posible observar retrospectivamente la permeabilidad étnica, lingüística y política de la región y la interacción constante de sus distintos componentes, a tal punto que en las primeras décadas del siglo XIX ya puede comprobarse una casi total diferenciación. La independencia aceleró ese proceso [*Las nubes*] que ni siquiera el ostracismo rosista pudo frenar, y el período inmigratorio le dio sus rasgos definitivos [*La Ocasión*]: esas impresiones inconfundibles para nuestros sentidos, esa problemática singular que desafía a nuestra inteligencia y, para muchos - otra constante - esas imágenes obstinadas que, en la lejanía, visitan nuestra memoria. (SAER, 1999, p. 102-103).

Com efeito, será essa problemática singular e essas imagens obstinadas que visitam a memória de Saer que o impulsionam a investigar as origens do escritor argentino, bem como a cultura que o gera, nos mais diferentes níveis como o histórico, o filiativo e o afiliativo, ao longo de seus três livros dos quais tratarei aqui do primeiro, *El entenado*. Vejamos:



“Lo desconocido es una abstracción; lo conocido, un desierto; pero lo conocido a medias, lo vislumbrado, es el lugar perfecto para hacer ondular deseo y alucinación” (SAER, 2013, p. 9), nos conta, rememorando a sua vida desde a velhice, o narrador de *El entenado* sobre o momento em que, vislumbrado com as histórias do continente recém-descoberto, decidiu embarcar em uma delas ao se unir as expedições da conquista da América. O que não esperava o há época jovem órfão de 15 anos é que se encontraria, ao desembarcar na região do Rio da Prata, com o incidente que mudaria para sempre a sua vida: seria o único sobrevivente de um ataque indígena e logo cativo da tribo antropofágica colatinés por uma década.

Com efeito, o que nos narra Saer em seu primeiro romance histórico, publicado no ano de 1983, conta com um intrigante precedente na História. Como expõe Florencia Abbate, em seu trabalho *El espesor del presente. Tiempo e historia en las novelas de Juan José Saer* (2015), o argumento de *El entenado* está inspirado num parágrafo de *Historia argentina* (1973) no qual o historiador José Busaniche relata a chegada do espanhol Juan Díaz Solís ao Rio da Prata em 1516:

Al bajar a tierra, la expedición de Solís fue sorprendida por un grupo de aborígenes, que luego de atacar a los españoles con flechas, lanzas y mazas, se los comieron. Busaniche dedica unos pocos renglones a contar la historia de Francisco del Puerto, quien era el grumete de esa expedición. Este jóven se salvó de la muerte, pero fue capturado por la tribu, y habría permanecido cautivo durante diez años, hasta el momento en que llegó la expedición al mando de Sebastián Gaboto, que lo descubrió y lo trasladó de vuelta a España (ABBATE, 2015, p. 12).

Saer, não obstante, apesar de basear sua narração sobre a pessoa de Francisco del Puerto, irá conferir a este fato histórico o caráter delirante que enxerga na sua proposta literária. Dessa forma, ainda que adote algumas escolhas estéticas semelhantes a tal gênero, *El entenado* não se configura precisamente como um romance histórico, mas se caracteriza como uma obra que se propõe - a partir do fato histórico - explorar o desejo e a alucinação que ondulam nesse “entrelugar do conhecido” que habita o seu protagonista e que por ele será refletido desde o princípio de sua jornada. Assim, o discurso memorialístico do narrador ancião, que perpassa por uma série de gêneros frequentados na época retratada, - como a picaresca, o relato de viagem, memórias e até o romance de aventura -, se se faz necessário uma taxionomia acaba por tomar uma forma narrativa mais próxima, como dirá Abbate, da fábula filosófica do que realmente um romance histórico.

Essa percepção delirante - que dá mostras desde a saída do narrador ao mar - parece se intensificar quando do primeiro contato entre europeus e indígenas em que a importância da História parece ceder lugar a sensação de estranheza que logo toma contornos metafísicos:



El acontecimiento que sería tan comentado en todo el reino, acababa de producirse en mi presencia, sin que yo pudiese lograr, no ya estremecerse por su significación terrorífica, sino más modestamente tener conciencia de que estaba sucediendo o de que acababa de suceder. El recuerdo que me queda de esse instante, porque lo que siguió fue vertiginoso, se limita a representar el sentimiento de extrañeza que me asaltó. En pocos segundos, mi situación singular se mostró a la luz del día: con la muerte de esos hombres que habían participado en la expedición, la certidumbre de una experiencia común desaparecía y yo me quedaba solo en el mundo para dirimir todos los problemas arduos que supone su existencia (SAER, 2013, p. 34).

Esta espécie de desvio com as formas narrativas de *El Entenado* aparece dentro de uma tradição maior da literatura Argentina. Sobre o assunto, ao se referir a *Facundo*, Ricardo Piglia irá dizer que este é um ponto de referência essencial, “La combinación de modos de narrar y de registros que tiene el libro. Esa forma inclasificable. Se inaugura ahí una gran tradición de literatura argentina” (PIGLIA, 2001, p. 75) ao passo que Rafael Gutiérrez, em seu livro *Formas híbridas* (2017), retoma o estudo de Cedomil Goic sobre o romance hispano-americano colonial para nos lembrar que “(...) essa mistura e transgressão de gêneros e registros discursivos não é um fenômeno incomum na história literária do continente. O recurso já fazia parte das estratégias dos escritores desde pelo menos o século XVII” (GUTIÉRREZ, 2017, p. 48). Com efeito, o próprio Saer se diz confortável nesse espaço incerto dos gêneros que formam a tradição argentina:

Um dos maiores textos da literatura argentina é *Martín Fierro* [de José Hernández], que é um poema narrativo e suscitou muitas discussões acerca de seu gênero. Para [Leopoldo] Lugones seria uma epopeia, para Borges um romance, para [Ezequiel] Martínez Estrada conteria elementos teatrais muito importantes. E essa incerteza acerca do gênero me confortava teoricamente para trabalhar nesse sentido. (SAER, 2005, p. 158).

Tradição argentina, tradição latino-americana. É possível que estes conceitos não sejam de todo geográficos afinal, mas é preciso dizer que o delírio de Saer em *El Entenado* não se atém tão somente ao nível da forma.

“Estas cosas son, desde luego, difíciles de contar, pero que el lector no se asombre” (SAER, 2013, p. 65) nos adverte o narrador antes de descrever com uma grande riqueza de detalhes como os corpos dos espanhóis mortos, assim como anualmente os corpos de indígenas de tribos vizinhas, se tornaram parte de um baquete que precedia uma violenta orgia entre todos membros da tribo, velhos e crianças, pais e filhos, participavam e das quais ele se tornou testemunha - ou, nas palavras dos aborígenes, um *Def-Ghi* - até o momento de seu resgate e retorno a Europa, dez anos depois. O assombro ao canibalismo, contudo, contrasta paradoxalmente com a postura da tribo no restante do ano vista como sóbria, casta e equilibrada:



Hay quienes pretenden que nuestras primeras impresiones son siempre las más justas y verdaderas; debo decir que con esos indios, semejante afirmación no se sostiene. Los que habían sido, en los primeros días, peores que animales feroces se fueron convirtiendo, a medida que pasaba el tiempo, en los seres más castos, sobrios y equilibrados de todos los que me ha tocado encontrar en mi larga vida (SAER, 2013, p. 101-102).

Esse ir e vir de estados de espírito causado pelo “(...) fuego que los consumía, ubicuo, ardía al mismo tiempo en cada uno de los indios y en la tribu entera” (SAER, 2013, p. 131), que primeiro inspirou assombro no narrador, com o tempo, deu espaço a compaixão, afinal, o garoto órfão se filia ao delírio:

Toda vida es un pozo de soledad que va ahondándose con los años. Y yo, que vengo más que otros de la nada, a causa de mi orfandad, ya estaba advertido desde el principio contra esa apariencia de compañía que es una familia. Pero esa noche, mi soledad, ya grande, se volvió de golpe desmesurada (...). Me acosté, desconsolado, en el suelo, y me puse a llorar. Ahora que estoy escribiendo, (...) me doy cuenta de que, recuerdo de un acontecimiento verdadero o imagen instantánea, sin pasado ni porvenir, forjada frescamente por un delirio apacible, esa criatura que llora en un mundo desconocido asiste, sin saberlo, a su propio nacimiento. (...) Entenado y todo, yo nacía sin saberlo y como el niño que sale, ensangrentado y atónito, de esa noche oscura que es el vientre de su madre, no podía hacer otra cosa que echarme a llorar (SAER, 2013, p. 47-49 GRIFO NOSSO).

Nesse momento Saer traz para a sua obra o delírio em um segundo nível, o filiativo. A zona saeriana, esse espaço tanto físico do pampa santafesino cortado pelo Rio Paraná ou seus afluentes como indenitário desse “universo peculiar que no tiene ni siglos de existência, y que e esse breve período afrontó em sucesión precipitada luchas, pruebas y transformaciones, ostenta desde sus Orígenes um gusto por lo lejado, por lo heterodoxo, por lo diferente” (SAER, 1999, p. 101) como dirá o próprio autor e que aparece como espaço inevitável de seu projeto narrativo desde sua primeira publicação, *En la zona*, em 1960, ganhava neste momento o seu primeiro narrador “occidental”.

Com efeito, a função de um *Def-Ghi* que o protagonista pensou, a um primeiro momento, que seria equivalente a “prisioneiro”, com o tempo demonstra que significa algo como narrador:

De mí esperaban que duplicara, como el agua, la imagen que daban de sí mismos, que repitiera sus gestos y palabras, que los representara en su ausencia y que fuese capaz, cuando me devolvieran a mis semejantes, de hacer como el espía o el adelantado que, por haber sido testigo de algo que el resto de la tribu todavía no había visto, pudiese volver sobre sus pasos para contárselo en detalle a todos. Amenazados por todo eso que nos rige desde lo oscuro, manteniéndonos en el aire abierto hasta que un buen día, con un gesto súbito y caprichoso, nos devuelve a lo indistinto, querían que de su pasaje por ese espejismo material quedase un testigo y un sobreviviente que fuese, ante el mundo, su narrador (SAER, 2013, p. 216).



O encargo é bem recebido pelo enteado da tribo: “Conmigo, los indios no se equivocaron; yo no tengo, aparte de ese centelleó confuso, ninguna otra cosa que contar. Además, como les debo la vida, es justo que se la pague volviendo a revivir, todos los días, la de ellos” (SAER, 2013, p. 220). Mas é interessante perceber que este relato só é possível quando o narrador encontra um pai.

Ao voltar ao velho continente, o protagonista de *El Entenado* se vê melancólico até o momento em que se estabelece num convento para trabalhar sob a guarda do padre Quesada. Padre este que tanto o ajudou a sair de sua condição depressiva como também possibilitou o “el único acto que podía justificar mi vida hubiese estado fuera de mi alcance” (SAER, 2013, p. 157-158), isto é, o ato de ler e escrever: “Padre es, para mí, el nombre exacto que podría aplicársele” (*idem*, p. 168).

Estas relações filiativas que estabelece Saer no relato do seu narrador acabam por jogar com o que entende o autor por seu delírio. Por um lado é inegável a importância da tribo para a formação do narrador: “Yo era arcilla blanda cuando toqué esas costas de delirio, y piedra inmutable cuando las dejé” (SAER, 2013, p. 132). Não obstante, ainda que ele se identifique com aquelas pessoas ele sabe que, sendo espanhol, nunca realmente seria um homem como aqueles levavam “(...) vestigios del barro del primero, que esos hombres eran sin duda la descendencia putativa de Adán” (*idem*, p. 45). Os colastinés, afinal, nunca poderiam ser pais do narrador, como fora Quesada, mas padrastos. E o resultado dessa mescla nada mais é do que a narrativa que acompanhamos, quer dizer, apesar de querer aproximar ao máximo o seu olhar para contar sobre como agiam e como pensavam aqueles indígenas, a forma como o narrador acaba por construir isso – não de modo oral, mas escrito bem como não na língua aborígine, mas em espanhol – demonstra que a interpretação de Saer sobre a afiliação as tradições ocidentais literárias as quais a narrativa argentina e latino-americana se ligam. Nem exatamente americana, nem exatamente europeu, mas um delírio diante do vislumbre.

III

Em 1986, em uma conversa entre Saer e Piglia na Universidad Nacional del Litoral, ao ser perguntado pelo escritor adroguenho sobre a sua posição enquanto escritor latino-americano, Saer já adiantava uma resposta ensaiada muito parecida a que daria mais de 10 anos depois na PUC-SP, isto é, como categoria geográfica se vê como latino-americano e argentino, mas “Si tomamos el termino latino-americano como una categoria estética, lo cual a menudo ocurre, evidentemente no” (SAER; PIGLIA, 1995, p. 24). De fato, ao explicar a sua tese de que as tradições as quais poderiam se inscrever um escritor latino-americano são muito mais flexíveis e universais do que realmente se



costumou compreender, o escritor santafesino adotou, naquele momento, uma postura ainda mais irônica a respeito do que tivera anos depois, na cidade de São Paulo:

En este sentido yo aspiro (me sentiria muy honrado) a formar parte de esa literatura latinoamericana. Porque es literatura, y no porque es latinoamericana. Es solo latinoamericana como consecuencia de um accidente, de una conjunción de accidentes históricos, lingüísticos, sociales, étnicos, geográficos, etcétera. Pero esos accidentes no son elementos que la determinan em tanto que literatura (SAER; PIGLIA, 1995, p. 24).

Curiosamente no ano de 2002 Saer escreveria um texto ao jornal *El país* denominado “El escritor argentino en su tradición” (2002) no qual toma uma postura bastante contraditória a esta adotada nas entrevistas. Assim, ao discorrer sobre a possibilidade de existir uma literatura durante as crise sociais e econômicas como as que atravessavam a Argentina no começo do século XXI, o escritor se recorda da seminal conferencia de Borges “El escritor argentino y la tradición” (1957) para dizer que, apesar da conclusão de Borges estar correta – i. e., a de que “(...) nuestra tradición es toda la cultura occidental, y creo también que tenemos derecho a esta tradición, mayor que el que pueden tener los habitantes de una u otra nación occidental”. (BORGES, 1957, p. 160) -, a mesma se mostra incompleta:

(...) para él, la tradición argentina es la tradición de Occidente, pero parece ignorar las transformaciones que el elemento propiamente local le impone a las influencias que recibe. Hay, además, un punto que debería inducir a la reflexión: la tradición literaria argentina se forjó siempre en la incertidumbre, en la violencia y bajo la amenaza del caos; en muchos casos hizo de ellos su materia. Y es justamente por eso que pertenece a la tradición de Occidente (SAER, 2002, n. p.)

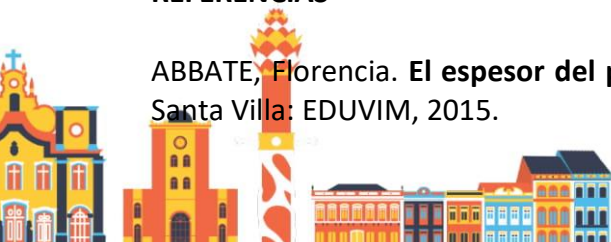
O que um dia fora um “acidente de conjunturas” passa a ser a principal qualidade da tradição literária argentina pois, o que importa é o que a literatura argentina, local, tem a oferecer para a tradição Ocidental, universal, é o que faz dela a sua legitimidade de pertencimento. Não obstante, ainda que haja um tempo considerável entre as duas posições, acredito que aqui não exista uma mudança de perspectiva por parte de Saer, mas mais bem uma ambiguidade paradoxal de seu pensamento. A mesma ambiguidade característica da literatura argentina e latino-americana que o autor buscou ao construir a sua narrativa delirante em *El Entenado*.

REFERÊNCIAS

ABBATE, Florencia. **El espesor del presente. Tiempo e historia en las novelas de Juan José Saer.** Santa Villa: EDUVIM, 2015.

www.xicongressohispanistas.com.br

contato@xicongressohispanistas.com.br



BORGES, Jorge Luis. El escritor argentino y la tradición. In: **Discusión**. Buenos Aires: Emecé, 1957.

GUTIÉRREZ, Rafael. **Formas híbridas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2017.

MANZI, Joaquín. Discurso de la locura y locura del discurso en la obra de Juan José Saer. In: MANZI, Joaquín (ed.). **Locos, excéntricos y marginales en las literaturas hispanoamericanas**. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines-Archivos-C.N.R.S. Université de Poitiers, 1999, p. 553-563.

PIGLIA, Ricardo. **Crítica y ficción**. Barcelona: Anagrama, 2001.

PIGLIA, Ricardo; SAER, Juan José. **Dialogo**. Santa Fe: Centro de Publicaciones Universidad Nacional del Litoral, 1995.

SAER, Juan José. Artíficios da criação: uma conversa com Juan José Saer. Tradução por Alexandre Morales. **Novos estudos**, n. 73, ano 3, nov. de 2005, p. 157-173.

_____. Tradición y cambio en el Río de la Plata. In: La **Narración-objeto**. Barcelona: Seix Barral, 1999, p. 95-112.

_____. El escritor argentino en su tradición. **El País**, 29 de junio de 2002. Disponível em: https://elpais.com/diario/2002/06/29/babelia/1025307565_850215.html. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

_____. **A Ocasião**. Trad. de Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **El Entenado**. Barcelona: Rayo Verde Editorial, 2013, Kindle edition.

_____. **Las Nubes**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

SARLO, Beatriz. Saer, um original. Trad. de Alexandre Morales. **Novos estudos**, n. 73, ano 3, nov. de 2005, p. 151-155.

